

DENISE ROTHENBURG  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Chegou tarde, mas...

O União Brasil definiu, logo depois da eleição, que participaria do bloco do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), no ano que vem e trata, inclusive para o futuro, um "casamento" entre as duas legendas. O União reconduziu Elmar Nascimento (BA) ao cargo de líder da bancada para seguir nessa direção. Assim, o PT terá dificuldades em levar o União a compor um bloco a fim de garantir aos petistas o comando da Comissão de Constituição e Justiça.

## ... tem jogo

No PT, porém, há quem diga que a participação no futuro governo estará condicionada a ajudar o PT a conquistar espaços no Parlamento. Ou seja, é algo que, de acordo com os petistas, ainda pode mudar.

## Veja bem

Na bancada do União Brasil, a avaliação é outra. Ministério é um serviço para o comando da sigla e precisa ser indicado até 31 de dezembro para tomar posse em 1º de janeiro. O bloco parlamentar para o Congresso está a cargo exclusivamente da bancada e será fechado até o final de janeiro. Até aqui, estão certos PP, PL, Republicanos, PTB e União Brasil.

## Um encontro, vários sinais

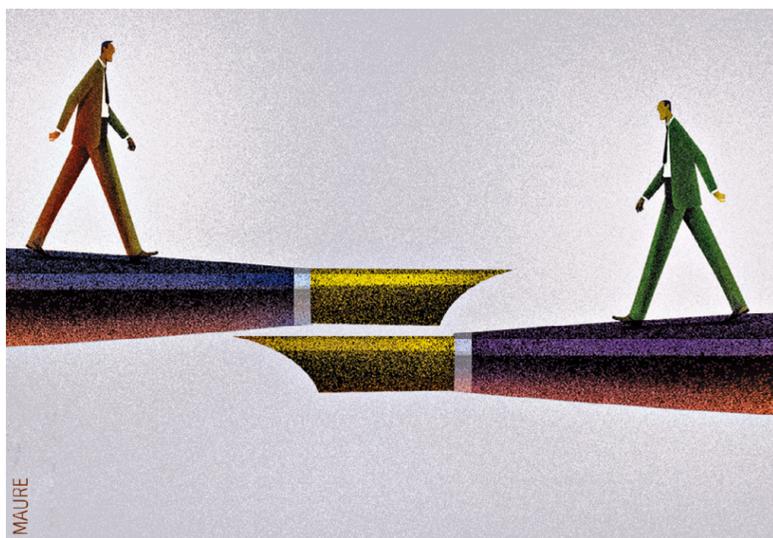
O encontro de Lula com Jake Sullivan, o conselheiro de Segurança de Joe Biden, vai além da geopolítica internacional e das relações comerciais. Simboliza, segundo diplomatas, que os Estados Unidos não apoiam e nem apoiarão medidas de exceção ou golpes de estado por parte de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL).

## A "base móvel" de Lula

Os petistas já mapearam os partidos e descobriram que Lula caminha para ter uma "base móvel" — ou seja, ora fechada com o Palácio do Planalto, ora mais arredia. As conversas políticas que o presidente eleito manteve até aqui indicam que o futuro governo só conseguirá trabalhar projeto a projeto. Em algumas propostas — leia-se reforma tributária —, caminha para aprovar uma emenda constitucional. Mas, se quiser revogar a reforma trabalhista, por

exemplo, não será fácil.

A conclusão é que todos os partidos de centro estão rachados, com uma parte afinada com o atual governo e outra com Lula. O PSD de Gilberto Kassab, por exemplo, com seus 42 deputados, tem 21 mais afeitos a Lula e 21 com um perfil mais à direita. Nos demais, a situação não é muito diferente. A conclusão é que, mesmo com todos os partidos participando do governo, não haverá uma base sólida para o que der e vier.



## CURTIDAS

Alberto Ruy/Minfra



**Tarcísio e Lula/** O empresariado paulista que foi ouvir, ontem, o governador eleito Tarcísio de Freitas (foto) na Associação Comercial de São Paulo, não perdia a oportunidade de fazer comparações. Tarcísio até aqui indicou o secretariado mais importante e o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva não consegue fechar seu tabuleiro.

**Cada um com seu cada qual/** O empresariado, que em sua maioria não engole o PT, compara até mesmo os coordenadores. Alguns empresários brincavam com os deputados da base de Tarcísio, dizendo que era melhor ter Gilberto Kassab e Guilherme Alif Domingos na coordenação do que Gleisi Hoffmann e Aloizio Mercadante.

**Política e Copa/** No 10º episódio do podcast *Drible de Corpo na Copa do Mundo Qatar 2022*, o repórter Marcos Paulo Lima, enviado especial do **Correio Braziliense**, pergunta ao comentarista e ex-jogador Walter Casagrande Júnior sobre a situação do Brasil na política: "Tem que reconstruir o país. É preciso parar com essa bobagem de pedir intervenção militar na frente dos quartéis. O Brasil precisa andar para frente", respondeu o Casão.

**Por falar em quartéis.../** Michel Winter, considerado pelos bolsonaristas o marqueteiro de Bolsonaro, tem levado recados do presidente aos manifestantes acampados nas portas dos quartéis. Esta semana, por exemplo, levou a seguinte mensagem: "Não vai entregar o nosso país ao corrupto". E fez um apelo: "Aguardem o chamamento do lugar certo e das pessoas certas. Ouçam a voz do nosso presidente". Até aqui, Bolsonaro tem se mantido calado, a transição caminha e Eduardo Bolsonaro torce pelo Brasil na Copa no Catar.

## NOVO GOVERNO

## Sem capacidade de investir

Grupo de Desenvolvimento Regional da transição aponta: ministério não administra o próprio orçamento e aplica mal as verbas

» TAINÁ ANDRADE

A fusão dos ministérios da Integração Social e das Cidades para formar o Ministério do Desenvolvimento Regional no governo de Jair Bolsonaro (PL), cassou a capacidade da pasta de administrar o próprio orçamento — abrindo mão do poder de organizar e planejar a aplicação dos recursos. As conclusões são do Grupo Técnico de Desenvolvimento Regional do governo de transição.

O ministro Daniel Ferreira deixará a pasta com 64% do orçamento total para o próximo ano destinado às emendas — de relator, de bancadas ou individuais. Desses recursos, R\$ 4,4 bilhões

são apenas para o chamado orçamento secreto. Isso representa que as despesas discricionárias — nas quais o ministério aloca recursos conforme a necessidade — foram reduzidas em 82%.

"O ministério tem que garantir que sejam olhadas as desigualdades regionais no país. O aspecto é que, além da desorganização, há a falta de integração das políticas públicas. Em 80%, os fundos de desenvolvimento foram investidos em cidades com alto índice de desenvolvimento. Isso mostra que não existe uma estratégia (do governo Bolsonaro) para reduzir as desigualdades", criticou o ex-governador do Ceará, Camilo Santana. No levantamento feito pelo



**Além da desorganização, há falta de integração das políticas públicas. Em 80%, os fundos de desenvolvimento foram investidos em cidades com alto índice de desenvolvimento. Não existe estratégia para reduzir as desigualdades"**

**Camilo Santana**, integrante do grupo de trabalho

setorial, foram encontradas, por exemplo, grandes quantias aplicadas apenas em pavimentações — R\$ 1,9 bilhão das emendas de relator foram para asfaltamento. "Existem recursos demais para

pavimentações sem critérios, distribuição de tratores, de caixas d'água sem água. Enquanto isso, o objetivo-fim do ministério não é alcançado. A pasta é um verdadeiro cemitério de trabalhos parados.

Se continuar desse jeito, 50% das obras de saneamento do país estarão paralisadas", alertou o senador e coordenador do grupo de trabalho, Randolfe Rodrigues (Rede-AP).

## Excesso

A distorção na aplicação de recursos da União foi razão de alerta do Tribunal de Contas da União (TCU) — que chamou a atenção para o fato de que 80% das ações do Ministério do Desenvolvimento Regional estão concentradas em regiões com alto índice de desenvolvimento econômico.

Em contrapartida ao excesso de aplicação de recurso em uma só rubrica, houve falta de investimentos em Defesa Civil

— **leia na página 6 os primeiros efeitos dos desastres naturais em seis estados** —, Habitação e Segurança Hídrica. Para o próximo ano, o buraco no orçamento da pasta é de mais de R\$ 3,2 bilhões para ações que já estão em curso.

O relatório preliminar do grupo de trabalho salienta, ainda, que as obras do programa de habitação popular terão de ser paralisadas já em fevereiro por falta de previsão orçamentária. No caso da Defesa Civil, não há um planejamento para prevenção e resposta a desastres para o fim deste ano e o início do próximo — temporada cujo histórico é de deslizamentos, enchentes e mortes causadas pelas fortes chuvas.

## Silêncio entre os generais

» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro (PL) participou, ontem, da solenidade de promoção de oficiais-generais do Exército, no Setor de Clubes Esportivos Sul, em Brasília. É o segundo evento militar do qual o chefe do Executivo participa depois da derrota nas eleições para Luiz Inácio Lula da Silva (PT). É mais uma vez ele não se pronunciou durante o evento e nem concedeu entrevista à imprensa.

No último dia 26, Bolsonaro participou da cerimônia de entrega de espadas aos aspirantes a oficial do Exército, na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em Resende (RJ). Esteve ao lado do vice-presidente Hamilton Mourão, que, ao tentar dirigir-lhe a palavra, foi ignorado — como mostraram as imagens da transmissão do evento pela TV Brasil.

Na cerimônia de ontem,

Bolsonaro se juntou a Mourão e aos ministros Luiz Eduardo Ramos (Secretaria-Geral da Presidência), Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional) e Paulo Sérgio Nogueira (Defesa). Também compareceu Walter Braga Netto, que disputou a vice-presidência na chapa da reeleição.

Além de manter-se calado, apenas no último dia 29 Bolsonaro esteve no Palácio do Planalto. Ele tem se recolhido no Palácio da Alvorada e recebido um número restrito de aliados e ministros. Deixou de conversar com os apoiadores no cercadinho montado à saída da residência oficial da Presidência da República e também suspendeu as lives das quintas-feiras.

## Senado

Na terça-feira à noite, participou de um jantar do Partido

Liberal, em Brasília — quando mais uma vez nada falou. Mas, ontem, recebeu parlamentares do partido para discutir a disputa da Presidência do Senado, em fevereiro. O PL deve lançar Rogério Marinho, ex-ministro do Desenvolvimento Regional e senador eleito pelo Rio Grande do Norte, contra a reeleição de Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Participaram da reunião o senador Wellington Fagundes (PL-MT), o senador Eduardo Gomes (PL-TO) e Carlos Portinho (PL-RJ), atual líder do partido na Casa. "O encontro foi para dar prosseguimento sobre o senador que irá concorrer à Presidência do Senado. Estamos perto de fechar um nome, que provavelmente será divulgado na próxima quarta-feira, em uma reunião com toda a bancada do Partido Liberal", afirmou Portinho.

Cleber Caetano/PR



Na solenidade de promoção de oficiais-generais do Exército, Bolsonaro mais uma vez não abriu a boca